

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Neide da Cunha Pereira

**ALMANAQUE ODORECO: IDENTIDADE E PATRIMÔNIO
BAIRRO PIRES – CONGONHAS – MINAS GERAIS**

Congonhas

2012

Neide da Cunha Pereira

**ALMANAQUE ODORECO: IDENTIDADE E PATRIMÔNIO
BAIRRO PIRES – CONGONHAS – MINAS GERAIS**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental e Patrimonial.

Orientadora: Prof^a. Luana Carla Martins Campos

Congonhas
2012

Ficha Catalográfica

--

Neide da Cunha Pereira

**ALMANAQUE ODORECO: IDENTIDADE E PATRIMÔNIO
BAIRRO PIRES – CONGONHAS – MINAS GERAIS**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental e Patrimonial.

Aprovado em 28 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Luana Carla Martins Campos – Faculdade de Educação da UFMG

Maria Luiza Grossi Araujo – Instituto de Geociências da UFMG

RESUMO

Este trabalho partiu da necessidade de problematizar com os alunos dos 9^{os} anos sobre a noção de pertencimento do bairro em que vivem. Por meio do estímulo aos conhecimentos prévios em relação a patrimônio, memória, identidade e cultura local, foram registradas várias interpretações da história do Bairro Pires por meio de relatos de seus avós, pais e pessoas antigas da comunidade que vivenciaram o crescimento do bairro, o que levou os alunos a sensibilizar sobre a temática

Palavras-chave: Identidade, Patrimônio, Cultura, Comunidade.

SUMÁRIO

1. MEMORIAL DE PERCURSO.....	07
2. PROJETO DE TRABALHO.....	11
2.1. Apresentação do tema.....	11
2.2. Problemas de pesquisa.....	12
2.3. Objetivos.....	12
2.3.1 Objetivo Geral	12
2.3.2 Objetivos Específicos	12
2.4. Revisão teórico-conceitual e Justificativa.....	13
3. PRODUTO PEDAGÓGICO.....	17
3.1 Descrições do produto pedagógico.....	17
4. REFERÊNCIAS	18
5. ANEXOS.....	22

1. MEMORIAL DE PERCURSO

Nasci no dia 27 de maio de 1966 às 04 horas, no Hospital Bom Jesus, na cidade de Congonhas do Campo, como era o nome antigamente. Filha de Teotônio José Pereira e Maria do Espírito Santo, sendo avôs paternos Gabriel José Pereira e Margarida Joaquina de São José e avós maternos Antônio Ferreira Gomes e Belmira Rosa de Jesus, estes dados foram assentados no cartório de registro civil das pessoas naturais e jurídicas pelo Oficial Substituto Flávio Roberto de Souza Monteiro Lisboa – Livro A 37 – folha 235 V – lavrado em 19/12/73, no qual serviram de testemunhas Francisco Maria da Silva e Maria Assunção Rezende.

A princípio morei em um meio rural com o nome de David, no município de Jeceaba e assim que completei 7 anos minha mãe ensinou-me as primeiras letras de modo que a primeira coisa que aprendi a escrever foi o meu nome. No ano seguinte, comecei a estudar a 1ª série num lugarejo que se chama Machados onde cursei as 1ª e 2ª séries indo terminar as séries iniciais em outro local de nome Rio Abaixo. Como nesse povoado não havia continuidade para meus estudos minha família se mudou para outro lugarejo de nome Vargem Grande, localizado perto da cidade de Jeceaba. Lá estudei até a 8ª série do Ensino Fundamental.

Como eu sempre fui a mais adiantada nos estudos em relação às minhas irmãs, meus pais me pediam para eu ensinar a tarefa de casa a elas, e assim foi minha vida da infância a adolescência. Minha mãe sempre costurando, e enquanto ela costurava, nós trabalhávamos na roça com meu pai. Meu figurino e minha pasta estudantil foram feitos por minha mãe: uma saia plissada azul de tergal, tipo avental na frente, uma camisa clara com o slogan da Escola Estadual “Santos Reis”, também de tergal bem limpa e passadinha com ferro de brasa. Também recordo me recordo do sapato preto escolar com uma meia branquinha.

Em 1985, mudamos para a minha cidade de origem, hoje Congonhas onde estudei o 2º grau no Colégio Nossa Senhora da Piedade. Ah! Nas idas e vindas à escola eu e minhas irmãs pulávamos os muros e ganhávamos os quintais das casas vizinhas, enormes e cheias de fruteiras e de toda sorte de animais, gatos, cachorros, galinhas, patos, marrecos e outros mais. Chupando mangas, gostosas mangas, mangas-espada, mangas-rosa e manguitos, esses quase sempre os mais saborosos, dividíamos os times e organizávamos as peladas de fundo de quintal que exigiam grande malabarismo de nossa parte, com as frondosas árvores para driblar

e grandes irregularidades no terreno para retornar. Usávamos “petecas de palhas” preparadas por nós mesmas com palhas de milho dobradas, e colocadas dentro de um arranjo para compor a peteca com penas de galinha, claro penas coloridas.

Gostosas, memoráveis tardes que se prolongavam até a noitinha, parando-se apenas quando não havia mais sol e quando não podíamos mais ignorar os gritos de minha mãe que vinham de nossa casa, que diziam “*meninas vêm tomar banho, mudar de roupa para jantar!*”!

Depois de alguns anos, em 1997, graduei-me em Letras pela (FUNREI) Fundação de Ensino superior de São João Del Rei, hoje Universidade Federal de São João Del Rei, oportunidade que me fez sair da minha cidade natal, Congonhas, para ir morar em São João Del Rei.

Em 1995, antes de eu me graduar, comecei a lecionar para turmas de 1º ano (2º grau) na escola municipal “Judith Augusta Ferreira” na cidade de Congonhas. Encontrei algumas dificuldades em ensinar e aprender a lidar com meus impulsos incontroláveis de achar que os alunos escreviam e pensavam rápidos como eu, mas venci, porque os próprios alunos e o sistema de ensino foram ensinando-me a moldar a peça principal de meu trabalho que é “a forma”, “o meio” de como ensinar. Assim, perguntava-se Como ensinar? Para quem ensinar? Estes questionamentos para mim foram muito importantes naquela fase, porque percebi que nós professores temos que comungar junto aos nossos alunos nossas dificuldades, e ao mesmo tempo deixá-los perceber que não somos peças prontas, mas peças que vão sendo moldadas ao longo dos anos, através das experiências profissionais.

E foi diante desta interatividade entre a professora e os alunos, e também associada a professores de outras áreas do conhecimento, mais precisamente com a professora de Ciências Susiane, que me encontrei nessa busca de saberes, mas de sabores diferentes.

Foi pela busca de novos conhecimentos e métodos de ensino o que me influenciou na escolha deste curso de especialização para docentes do LASEB, com foco na linha de Educação Ambiental e Patrimonial. É nessa trajetória de crescimento de diário, com o intuito de apreender diversas possibilidades e novas ideias, que me inspiro nas palavras de Cássio Eduardo V. Hissa:

Cidades e lugares são feitos de idéias. Estas, muitas vezes, são transportadas ou traduzidas para a literatura, para o cinema. Para além das artes literárias e cinematográficas, cidades e lugares são abordados pela arte da ciência. Em muitas circunstâncias, o que os saberes desejam é, através de representações, capturar a cidade e os lugares – guardando-os na memória, através das diversas possibilidades de registro. (HISSA, 2008: 299).

Relembrar a minha trajetória de vivência profissional me fez chegar a opções de escolha no curso de especialização, pois na contemporaneidade se fala muito em trabalhar projetos sobre meio ambiente, por isso a importância da interdisciplinaridade que se constitui quando cada profissional faz uma leitura do ambiente de acordo com o seu saber específico, contribuindo para intervir na realidade e por meio do diálogo entre as diferentes visões de mundo dos seus pares.

O tema comum, extraído do cotidiano, integra e promove a interação das pessoas, áreas, disciplinas, produzindo um conhecimento mais amplo e coletivizado. As leituras, descrições, interpretações e análises diferentes do mesmo objeto de trabalho permitem a elaboração de um outro saber, que busca um entendimento e uma compreensão do ambiente por inteiro. Esse conhecimento nos torna profissionais com uma visão crítica de nosso contexto sócio-cultural e, portanto, mais ativos e participantes também no ambiente escolar e na comunidade onde vivemos

E nos encontros e desencontros com minha orientadora Luana Carla Martins Campos fui remodelando minha Análise Crítica da minha Prática Pedagógica através de suas orientações que me fez dar um salto para o alto, mas é claro, com menos romantismo. Percebi que ao desenvolver algumas atividades com os alunos, acredito que não somente eu, mas eles também conheceram, refetiram e amadureceram bastante o conhecimento em relação ao nosso tema: Patrimônio Identitário.

Fizemos várias artes, dentre elas, atravessamos a BR-040 para podermos conhecer, ver e vivenciar um pouco mais longe o cheiro da natureza com seu ar lívido, porém sempre apreciando, mas refletindo sobre o nosso passeio. Rabiscamos alguns textos que falam sobre o bairro Pires como: poesias, histórias, receitas caseiras, lendas, desenhos, paródias, charadas, palavras cruzadas, mapas, textos, depoimentos, enfim, já pintamos o sete vezes sete, relembramos até uma brincadeira de infância (passar o anel – objeto de memória da aluna Cíntia).

Finalizando com a primeira caminhada “Amigos da Serra” pelo bairro Pires, saindo da Escola em direção ao pé da Serra junto com o Corpo de Bombeiro. Chegando lá eles fizeram uma palestra conscientizando e levando todos os professores e comunidade a desenvolver a reflexão sobre a importância de preservarmos os espaços sociais e as relações das pessoas com cada lugar. E também, porque não, buscar no alto a energia vital que para as pessoas do bairro é como falar do suor, do sonho, da força, da dança, do minério, do jeito e do cheiro mineiro que nos impregna da energia espiritual de nossa gente

2. PROJETO DE TRABALHO

2.1 Apresentação do tema

Atualmente trabalho com turmas de 9^{os} anos: no 9^o ano 1 estudam cinco meninas e oito meninos, no 9^o ano 2, são três meninas e sete meninos. Por acreditar que nesse momento os alunos das turmas 9^o ano 1 e 9^o ano 2 precisam desse diálogo para conhecer, fortalecer e aprofundar os seus conhecimentos em relação à leitura e interpretação do universo das políticas de patrimônio cultural, procurei traçar um material que contemplasse as identidades coletivas, ou seja, relacionada aos grupos, segmentos sociais, comunidades, povo ou nações que se definem em relação a outros, tendo como base suas experiências e expressões.

Assim ficaria muito difícil aplicar esse projeto de intervenção para todas as minhas turmas, devido ao tempo. Mas é interessante que ele seja estendido para toda a escola.

A escola deve ser entendida como ampliação das oportunidades educacionais, difusão dos conhecimentos e sua elaboração crítica, aprimoramento da prática educativa escolar visando à elevação cultural e científica das camadas populares, contribuindo, ao mesmo tempo, para responder às suas necessidades e aspirações (melhoria de vida) e à sua inserção num projeto coletivo de mudança da sociedade. (LIBÂNEO, 1985:12)

De acordo com o foco do projeto político pedagógico da Escola Municipal “Senhor Odorico Martinho da Silva” sobre o *letramento*, esse projeto é uma perspectiva de ação que o ser humano utiliza que visa modificar no futuro uma situação do presente, seja na solução de problemas, seja na construção de novos conhecimentos, de qualquer forma uma ação intencional, criativa e dinâmica. Como explica Veiga (1997:12), o termo projeto “vem do latim *projectu*”, particípio passado do verbo *projecere*, que significa “lançar para diante.”

O presente trabalho aborda a fala da comunidade do bairro Pires, pois eles falam assim “*eu vou lá em Congonhas*”, é como se eles vivessem em cidades diferentes, ou seja, em dois lugares construídos sob forma de tabuleiro de xadrez.

Assim, em função das reflexões acerca do tema, nas oficinas de estudos e na divulgação de experiências que são eficazes para a prática pedagógica, incluindo neste âmbito o registro das vivências e falas dos alunos sobre o bairro Pires, far-se-á a grande diferença em seu modo de pensar a cidade.

É função do professor estar sempre em busca de novos caminhos, alternativas, recursos didáticos e novas possibilidades. A partir daí, os alunos poderão repensar os espaços ao seu redor promovendo assim a sensibilidade coletiva, e também se reconhecerem como parte de uma comunidade movida pela própria dinâmica da história dos homens.

(...) As experiências recentes no país, certamente as mais instigantes e bem-sucedidas, desenvolvidas por instituições educativas de naturezas diversas, através de práticas conectadas ou informadas pelos órgãos de patrimônio, buscam nos seus projetos de formação da juventude brasileira uma fecunda e generosa forma de conhecimento, que é a de agir reconhecendo como parte de uma corrente humanizadora e temporal. (ANDRADE, 2007: 79-80)

2.2 Problemas da pesquisa

Trabalhar com problemas por meio de oficinas é desafiador, já que “oficina” é o lugar onde realizam mudanças, assim desenvolvemos o projeto sobre as identidades e patrimônios. Trata-se de uma grande conquista na busca de conhecer, refletir devido a socialização do conhecimento promovida pelos e para os alunos, e o saber-ilustrar esse conhecimento é um ato criativo e crítico em equipe com colaboração de todos. A partir da problematização sobre a realidade vivenciada no Bairro Pires, buscou-se registrar tais questões sobre a forma de um almanaque que servirá para além das aulas expositivas.

2.3 Objetivos

2.3.1. Objetivo Geral

- Compreender a área de educação ambiental e patrimonial relacionada à Educação Básica como detentora de uma metodologia específica, e desenvolver a reflexão sobre a identidade e patrimônio com os alunos visando a construção de um instrumento de trabalho didático-pedagógico para a formação de todos nós, professores de português e, também de outras áreas.

2.3.2. Objetivos Específicos

- Analisar e refletir sobre os conceitos de patrimônio, identidade, memória e cultura local.

- Identificar várias interpretações da história do bairro Pires por meio de relatos, de quem viveu e vive a ampliação desse bairro.
- Contribuir com esses estudos na divulgação de experiências que são eficazes para a prática pedagógica, incluindo neste âmbito o registro das vivências e sensibilidades dos alunos sobre o tema.

2.4. Revisão Teórico-Conceitual e Justificativa

A partir das leituras realizadas na disciplina Ambiente, Sociedade e Cultura com a professora Mônica Ângela Azevedo Meyer foi possível perceber como é importante a nossa relação com o espaço de convivência, ou seja, a historicidade e a singularidade da cidade que moramos e do lugar onde trabalhamos. Partindo daí refletimos sobre a biodiversidade de Congonhas e seus bairros vizinhos.

Dessa reflexão sobre o lugar nasceram as questões sobre a premissa “patrimônio como identidade”, pois os alunos da comunidade do Pires não partilham claramente da ideia de pertencimento de seu local, ou seja, da questão espacial, de sua história e memória local. *“Lugares e cidades são feitos de nomes, de significados fabricados pela história dos homens, pois toda cidade e lugar é feito de seu nome”* (HISSA, 2008: 299).

A Educação Patrimonial está prevista nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino fundamental. Os parâmetros são referências para reorientação curricular e constituem o eixo norteador da política educacional no país. Uma das qualidades do documento é justamente a questão da memória e a incorporação das histórias locais em seu escopo.

A partir da década de 1980, uma nova forma de entender o patrimônio trouxe importantes conseqüências para a política de preservação do patrimônio cultural no Brasil, fato que culmina com uma revisão na definição oficial de patrimônio cultural brasileiro, de acordo com o art. 216 da Constituição Federal de 1988:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

Percorrer ruas, becos e avenidas; subir e descer morros e ladeiras; visitar praças, passeios públicos, fortes, igrejas, feiras populares. Essas são algumas atividades que nos permitem conhecer mais e melhor a cidade: seu patrimônio, sua

história, seu desenvolvimento e construção, através dos tempos e no espaço que ocupa. Como nos ensina o mestre Paulo Freire, uma das perspectivas da educação deve ser a da emancipação humana:

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica na negação do homem abstrato isolado, solto, desligado do mundo, assim, também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens. (PATTO, 1997: 73-74)

O professor deve ajudar o aluno a construir seu próprio conhecimento, ser o mediador entre o aluno e o saber, para isso conhecer seus alunos, saber o que os motiva e alegria é importante, assim como o ensino deve indicar para aquilo que o aluno não conhece suficientemente, mas para o possível de ser conhecido elaborando desafios a serem vencidos.

Introduzir na sala de aula o debate sobre o significado de festas e monumentos comemorativos, de museus, arquivos, áreas preservadas, permeia a compreensão do papel da memória na vida da população, dos vínculos que cada geração estabelece com outras gerações, das raízes culturais e históricas que caracterizam a sociedade humana. Retirar os alunos da sala de aula e proporcionar-lhes o contato ativo e crítico com as ruas, praças, edifícios públicos e monumentos constitui excelente oportunidade para desenvolvimento de uma aprendizagem significativa (PCN, 2002: 306).

Como a escola é um espaço que podemos desenvolver junto com os alunos algumas questões sobre o tema “patrimônio como identidade”, buscou-se relacionar estas questões com os conhecimentos prévios dos alunos interpretando sobre o vínculo com espaço de vivência. Foi almejado, ainda, que esse projeto possa contribuir na exploração e produção de textos diversificados – verbais e extraverbais – proporcionando o desenvolvimento da expressividade, do uso funcional da linguagem, da leitura e da reflexão sobre a preservação do patrimônio ambiental, ampliando assim o repertório do aluno, com a exploração de maior diversidade de gêneros textuais. Ou seja, tratou-se do resgate sobre a importância de sua história como sujeitos que participam ativamente de seu processo de aprendizagem, tornam-se fundamental que aprendam a identificar e formular suas dúvidas, pois só assim a busca de respostas pode se tornar significativa.

Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno de diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente. (PCN/LP, 1997: 57)

Assim, por exemplo, questões que dizem respeito a um acontecimento da atualidade demandam dos alunos pesquisa em jornais, internet e revistas, de modo a realizar entrevistas com pessoas para saber o que sabem ou pensam sobre o assunto ou, ainda, buscar livros, dicionários, textos e enciclopédias que, embora não tratem diretamente do tema, ajudem a compreender as reações de tal assunto com outras problemáticas vivenciadas em outras épocas/outros espaços.

Trata-se de levar em conta um ambiente, que não se constitui apenas de natureza – vegetação, relevo, rios e lagos, fauna e flora, etc – e de um conjunto de construções, mas sobretudo de um processo cultural – ou seja, a maneira como determina e os sujeitos ocupam esse solo, utilizam e valorizam os recursos existentes, como constroem sua história, como produzem edificações e objetos, conhecimentos, usos e costumes. (FONSECA, 1997: 113)

A educação patrimonial é conceituada como *“um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e de enriquecimento individual e coletivo”* (HORTA, 1999: 06).

Desse modo, os objetos e expressões culturais são referências para a interpretação do mundo e que proporcionam a obtenção de respostas sobre o passado, na medida em que os bens culturais materiais e imateriais atestam experiências anteriores e são vestígios para compreender o presente.

Mas isso não é tudo. O patrimônio cultural é algo necessariamente vivo. É grande a diversidade de bens que o conformam em limites difusos e instáveis, formando um conjunto transitório. a durabilidade e a incorporação intrínsecas ao patrimônio, o que permite pensar sobre as alterações que as sociedades fazem com relação ao que (antes e depois) nomeiam como patrimônio, por meio de um processo de interação simbólico-afetivo. (ANDRADE, 2007: 78-79)

Entretanto, rotineiramente as propostas sobre educação patrimonial são desenvolvidas por museus ou em projetos específicos que, mesmo interagindo com a comunidade escolar, muitas vezes não possuem continuidade.

Sendo a escola o lugar apropriado para a aquisição e a construção de conhecimentos, o presente projeto pretende dar ênfase às leituras de cunho éticos, ajudando seus alunos a adquirir valores, desenvolver sua inteligência, sensibilidade e emoção, através de diversas atividades. Trata-se de uma experiência didática que poderá servir de modelo para outros professores, incluindo, docentes de diversas áreas que podem dar prosseguimento às competências desenvolvidas, o que dará continuidade à proposta.

Desta forma, o projeto vai ao encontro das Propostas Políticas Pedagógicas da escola, contribuindo para o desenvolvimento do indivíduo, inculcando principalmente, através de atividades lúdicas os seus direitos e deveres como estudante, socializando-o como futuro cidadão, e auxiliando às novas percepções sobre a prática docente.

O bairro não é algo inerte, mesmo o bairro não sendo absolutamente sincrônica entre o tecido urbano, as políticas urbanas ou sociais, a cidade está inteira no presente. “A articulação das experiências do tempo passado vem construindo um espaço de experiência que é atualizado no tempo presente ao se realizarem práticas culturais” (Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2008: 07).

Os lugares se transformam porque estão conectados ao mundo – feito de lugares, de cidades e das suas redes. As metamorfoses são o reflexo do próprio dinamismo histórico-espacial e, que de modo algum, estão alheias à vida dos homens.

A Educação Patrimonial na descrição dos conteúdos obrigatórios para o primeiro ciclo do ensino fundamental, por exemplo, o eixo temático é a história local e do cotidiano. O professor é orientado a focar preferencialmente diferentes histórias do local em que o aluno vive. O objetivo é que os estudos da história local ampliem a capacidade do aluno de observar o seu entorno para a compreensão de relações sociais existentes no seu próprio tempo. (Revista Iphan, 2002)

Com as vindas das mineradoras com suas explorações desenfreadas, tal dinâmica interfere e altera diferentemente a vida da comunidade que, de um lado, luta por uma vida mais tranqüila, e de outro busca por emprego para sobreviver. Vive, pois, essa dicotomia de um mundo tradicional e um mundo moderno, atrelado claro às disputas pelo poder, que foram problematizadas ao longo do projeto desenvolvido, cujo produto, o almanaque, será explicitado a seguir.

A concepção utilitária desencanta a natureza e transforma o bem natural em recurso. É a lógica de uma economia fundamentada na busca de enriquecimento rápido, na apropriação do ambiente e na extração de matéria-prima que pode ser convertida em riqueza. Os naturais recursos servem como guias e indicadores de fortuna e a exploração desenfreada causa desastrosos impactos ambientais, interferindo na vida local. Com o passar dos anos, o patrimônio natural começa ser dilapidado, revelando a forma brutal de exploração e colocando em pauta questões como preservação e devastação do ambiente e repensando o próprio modelo de desenvolvimento e progresso. (MEYER, 2008: 87)

3. APRESENTAÇÃO DO PRODUTO PEDAGÓGICO

3.1. Descrições do Produto Pedagógico

A construção do Almanaque Odoreco nos fez pensar em novas possibilidades de se trabalhar com o tema “Identidade como Patrimônio”. Também nos proporcionou um conhecimento científico inserido de modo criativo, dinâmico e, ao mesmo tempo, questionador. Ainda, continha matéria recreativa, humorística, literária e informativa. A seguir serão expostas as etapas metodológicas e os procedimentos de produção do produto didático.

a) 1º Momento – Março de 2012

Iniciei uma conversa com os alunos sobre o motivo de desenvolver o projeto: Patrimônio como identidade. Disse a eles que estou fazendo um curso de especialização em Educação Ambiental e Patrimonial. E comecei problematizando o tema com algumas perguntas sobre o que sabiam a respeito do patrimônio, depois sobre memória e finalmente sobre cultura local. Alguns diziam que patrimônio é a Basílica do “Senhor Bom Jesus”, outros diziam que é casa da gente, a escola, etc. Em outra aula passei para eles o conceito de patrimônio, memória e cultura local e pedi a eles que fizessem uma pesquisa sobre a história do bairro, entrevistando as pessoas mais antigas da família. Lemos, refletimos, comentamos sobre a pesquisa, falei sobre patrimônio material e imaterial e, depois, eles fizeram desenhos sobre o bairro Pires. Lemos o texto *Maria*, de Helena Maria Mourão Loureiro, sobre as Marias, as pessoas comuns que têm sua história.

Em outra aula fizemos um passeio pelo outro lado do bairro que se chamava de Pires velho assim denominado pela comunidade e conhecemos, observamos um chalé muito antigo e também passamos em uma casa tradicional e eles representaram este passeio em um desenho sobre o que foi mais significativo para cada um. Trabalhamos as poesias *A palavra é Minas*, de Carlos Drummond de Andrade, e *Vargem Grande*, de Lêdo Ivo, e coloquei para eles ouvirem algumas poesias musicalizadas de Affonso Romano de S’antanna. Em outra aula pedi para que eles fizessem uma poesia sobre o bairro Pires, para ampliar e conhecer os recursos a serem explorados.

b) 2º Momento – Abril de 2012:

Fizemos outro passeio pelo outro lado do Pires e conhecemos um paiol de adobe na casa da avó da Cíntia, aluna do 9º ano 2. passamos no Telecentro onde é o Ponto de Cultura lugar em que são desenvolvidos vários projetos dentre eles: Projeto FRED, projeto de danças, etc. Passamos pela praça e pelo restaurante mais antigo do bairro que era da dona Manoela Maria dos Santos, hoje coordenado pela sua filha Efigênia dos Santos. Em sala, posteriormente, pedi para que eles fizessem charadas e palavras cruzadas sobre o passeio. Em outra aula solicitei a eles que trouxessem um objeto de memória. Fizeram o relato sobre o objeto, e depois para finalizar a aula fizemos uma brincadeira com um dos objetos de memória para relembrar a brincadeira antiga que é passar o anel, e eles gostaram muito. Por meio da observação, feita através da pesquisa/estudo fomentam e enriquecemos a discussão e, por fim, chegamos à conclusão que é o conhecimento trazido pelo objeto.

Em outro momento fomos ao Centro Comunitário para participarmos de uma palestra sobre Dengue com a funcionária Isabela, da empresa Namisa, e eles fizeram alguns registros sobre o que devemos fazer para se evitar a dengue.

c) 3º Momento – Maio de 2012:

Em um domingo, especificamente no dia 06/05, a dona Celina (ex-funcionária da escola) veio à escola para ensinarmos a fazer a recita do biscoito de Sal Amoníaco. Em outra aula perguntei se eles recordavam da receita do sabão caseiro que eles tinham feito com a professora de Ciências Susiane e pedi para que eles transcrevessem a receita.

Depois de observarmos um moinho d'água, ainda em funcionamento na Rua da Fonte, no bairro Pires, e após pequena caminhada para o retorno à escola, fizemos um círculo e discutimos sobre a transformação do mundo natural em estruturas de sobrevivência.

Pedi para que eles pesquisassem sobre os chás que são tomados no inverno e no verão e criamos um calendário fitoterápico com os chás de Congonha-do-campo (inverno) e Funcho folha (verão). Em outra aula eles fizeram um desenho sobre o trem transportando o minério e uma poesia do saque dos minérios. Lemos a poesia *A Cidade Ideal*, de Chico Buarque e com a tinta fizemos o desenho do bairro ideal. Em outra aula fizemos alguns desenhos usando a argila também conhecida como caulim. Fizemos também o desenho da família Odoreco e construímos piadas.

Por meio da observação, feita através da pesquisa/estudo originamos a discussão, de modo que, nesta etapa, chegamos à conclusão que é o conhecimento pode ser trazido por qualquer objeto, ou seja, por bens do acervo patrimonial.

Finalizamos com a primeira caminhada “Amigos da serra” saindo da Escola em direção ao pé da Serra, fomos juntos ao Corpo de Bombeiros para que eles pudessem fazer uma palestra conscientizando e levando a reflexão a todos os professores e comunidade sobre a importância de preservarmos os espaços sociais e as relações das pessoas com cada lugar. E também pode se relacionar à busca no alto da energia vital que para as pessoas do bairro é como falar do suor, do sonho, da força, da dança, do minério, do jeito e do cheiro mineiro que nos impregna da energia espiritual de nossa gente.

d) 4º Momento – Junho e Julho de 2012:

Todas estas atividades foram pensadas com vistas a produzir um almanaque, ou seja, um produto didático que se baseia em folheto, um livro, que traz muitas curiosidades, informações úteis, trechos literários, etc. Seu caráter bastante híbrido, mas bastante interativo, foi escolhido para melhor dialogar com o segmento educativo no qual estou envolvida. Além disso, permitiu que eu trabalhasse com muitos gêneros textuais, além de manejar com o conteúdo relacionado ao patrimônio cultural. Por sua vez, a reflexão sobre identidade, pertencimento e cultura local foram relacionados às atividades desenvolvidas, tornando mais próximo da realidade dos alunos esta problemática.

O nome Almanaque Odoreco faz alusão ao nome da escola “Sr. Odorido Martinho da Silva”, homenagem ao ilustre escrivão da Comarca de Congonhas, homem de muito prestígio entre os moradores do bairro Pires. Também faz menção ao jornal informativo da escola, “Odoreco em Ação”. Pretendemos com isso escolher um narrador para o almanaque, um personagem que criasse uma costura entre todas as passagens do livreto.

O Almanaque Odoreco é apenas o primeiro volume de outros que virão mais para frente. Foi fruto da seleção de diversos registros feitos pelos alunos, cuja seleção pretendeu contemplar a diversidade das visões sobre a história do Bairro Pires. Tornou-se um produto que será usado não somente pela comunidade escolar, mas por todos que se interessam pela história local.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS

- ANDRADE, Mariza Guerra de. Patrimônio com Educação. In: *Revista Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, vol.13, jan./fev. 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- CANCLINI, Néstor García. O Patrimônio Cultural e a Construção Imaginária do Nacional. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, nº 23 – Cidades, p.95-115, 1994.
- CERTEAU, Michel de. Andando na Cidade. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de (org.) *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Cidades*, Rio de Janeiro, nº 23, p.21-31, 1994.
- _____. Caminhadas pela Cidade, cap. VII. In: *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Coleção de cacos. In: *Notícias de Clã*. Nova reunião: 19 livros de poesia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.
- _____. *Poesias Completas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. *O Patrimônio em Processo*. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1997.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- HISSA, Cássio Eduardo Viana (org.). *Saberes Ambientais – desafios para o conhecimento disciplinar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- HORTA, Maria de Lourdes P. Educação Patrimonial. In: *Boletim do Museu Imperial*, Petrópolis, 1996.
- MENEZES, José Newton Coelho. Viajantes de hoje em trilhas antigas. In: *História & Turismo Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MONTEMAYOR, Carlos. A Poesia de Lêdo Ivo. In: IVO, L. *Vargem Grande*. Rio de Janeiro: Record, 1982, p.123-144. Disponível em: <http://cifraclub.terra.com.br>. Acesso em: 15 mai. 2012.
- OLIVEIRA, Gabriela Dias de & LOUREIRO, Helena Maria Mourão & FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. *Seminário de Ação Educativa*. Cultura e educação: parceria que faz história. Belo Horizonte: Mazza Edições; Instituto Cultural Flávio Gutierrez/MAO, 2007, p.159-160.

PATTO, Maria Helena Souza (org.). *Introdução à Psicologia Escolar*. 3ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO. E-compós, Brasília, v.11, n.1, jan./abr. 2008.

SANT'ANNA, Márcia. *Da cidade-monumento à cidade-documento*. A trajetória da norma de preservação de áreas urbanas no Brasil (1937-1999). Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1995.

VELOSO, Mariza. O Fetiche do Patrimônio. In: *Habitus*, Goiânia, vol. 04, nº 01, p.437-454, 2003.

WOOWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da, HALL, S. & WOODWARD, K. (orgs.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

5. ANEXOS

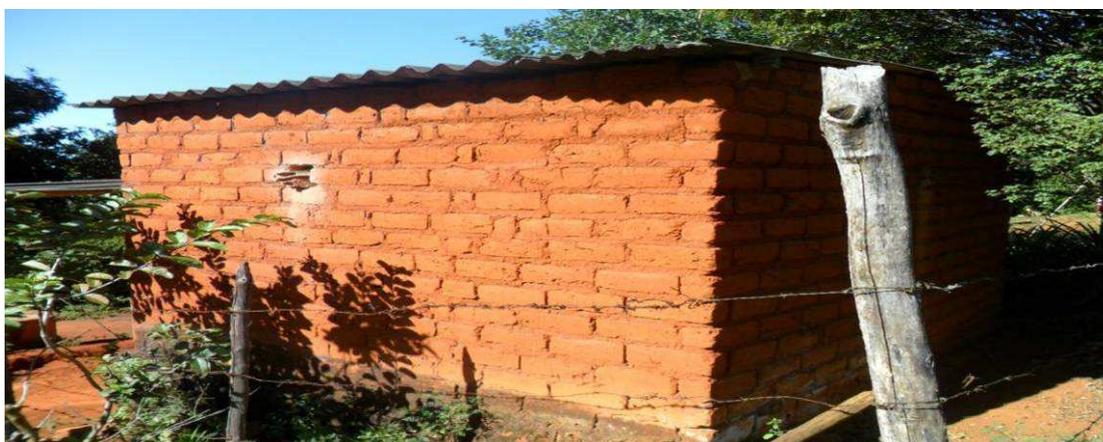
- Fotografias tiradas durante a execução do trabalho no bairro Pires, Congonhas, Minas Gerais.



Aluno pintando durante a execução do projeto.



Caulim.



Casa de adobe.



Construção da ponte.



Tele-Centro.



Moinho d'água.



Nascente.



Visita ao moinho d'água.



Praça.



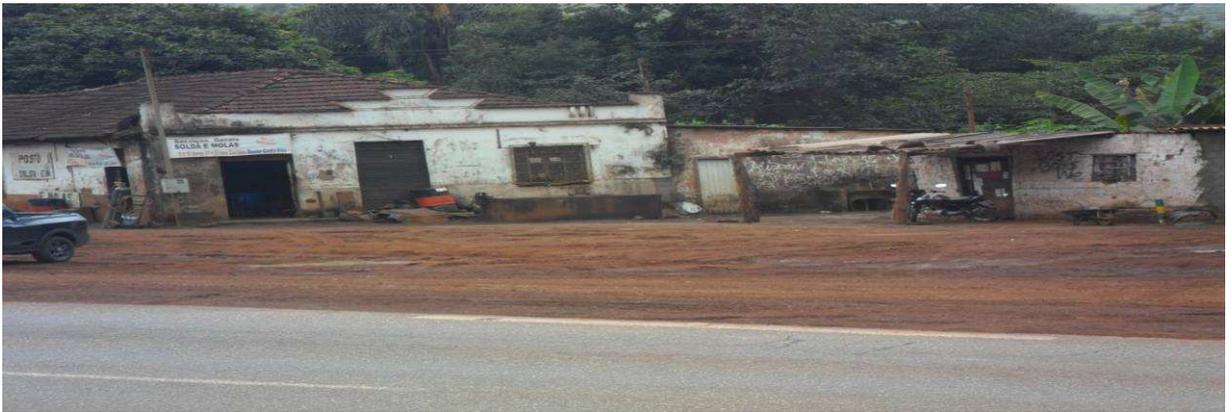
Igreja Nossa Senhora Perpétuo Socorro.



Papelaria Manancial.



Projeto Fred.



Casa do vereador José Alves Ferreira.



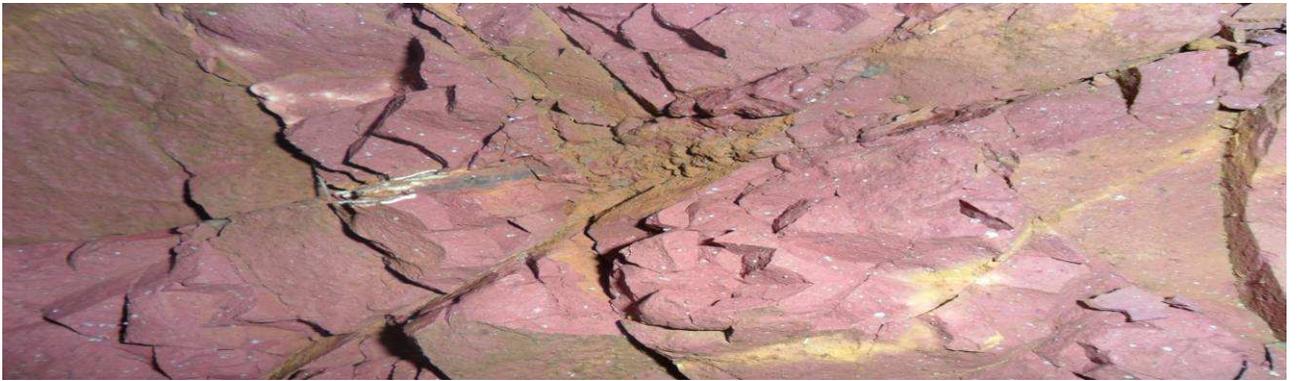
Visita ao Chalé.



Primeira Caminhada "Amigos da Serra".



Alunos em visita ao moinho d'água.



Tinta de pedra.



Centro Comunitário.



Posto de Saúde (UAPS).



Restaurante Santos.



Escola Municipal "Senhor Odórico Martinho Da Silva".